

po que ela própria arruinara apresentava máscara triste. Mãos ágeis trabalhavam-lhe as vísceras, separando material de exame necrológico.

Entretanto, ela — Marina — ela mesma — cambaleava, de pé, com todas as dores e convulsões de momentos antes...

— Mãe! Minha mãe! — clamou aterrada — quero viver! viver!...

Outra voz, contudo, bramiu-lhe ameaçadora e sarcástica aos ouvidos:

— Mãe, minha mãe, eu também quero viver! viver!...

Procurou com os olhos agoniados quem lhe falava, mas apenas sentiu que braços vigorosos a aprisionavam.

Lembrou, aturdida, o aborto, os sonhos, a tortura e o suicídio, e esforçou-se terrivelmente para voltar e erguer de novo o corpo tombado na mesa fria.

Mas era tarde...



Presente imprevisto

— Olhe por mim, irmã Nélia! Tenho sofrido demais.

Era D. Flavinha quem pedia à entidade amorosa, na sessão de efeitos físicos, em grande cidade mineira.

E irmã Nélia, materializada, confortava:

— Tudo melhorará, minha filha! Acalme-se. Confiemos em Jesus.

Na reunião imediata, D. Flavinha clamava:

— Socorro, irmã Nélia! Minhas provações são terríveis! Que será de mim? Traga-me um consolo!

A mensageira em serviço respondia:

— Filha, tenhamos paciência e coragem... A luta é instrumento de redenção! A dor é uma bênção que a Lei de Deus nos envia...

Nas preces seguintes, voltava D. Flavinha:

— Irmã Nélia, sofro imensamente! Ampare-me!...

E a emissária do bem:

— Jesus é por nós... Seja a fé nosso guia.

Rearticulada a assembleia de oração, D. Flavinha repetia:

— O' irmã Nélia, desfaleço!... Que será de mim com tantas dores?

A piedosa entidade balsamiza-lhe a alma:

— Filha, não esmoreça! Com o dever retamente cumprido, receberemos do Senhor novas bênçãos! Não desanime, não desanime!

Outras sessões e outros clamores.

A situação perdurava por mais de um ano, quando, certa noite, D. Flavinha rogou com mais lágrimas:

— Irmã Nélia, não posso mais! Auxilie-me, por amor de Deus! Sua caridade tem trazido aqui o remédio para tanta gente! Lembre-se de mim! Traga-me, por Jesus, algum socorro mais decisivo!

E irmã Nélia informou:

— Sim, sim... Tentarei, tentarei...

Quando a sessão terminou, D. Flavinha sorriu pela primeira vez, embora extremamente desapontada.

No seu colo estava, bem posta, grande e curiosa chupeta...



O bom homem

I

Noite de 2 de Dezembro de 1857.

Em homenagem ao Imperador D. Pedro II, que completa trinta e dois anos de idade, há beija-mão no Paço Imperial do Rio de Janeiro.

Não somente isso. Há festas públicas, bailes, cantarolas na rua, girândolas no ar.

Em humilde residência suburbana, João Ferreira de Souza, comerciante de jóias, largamente conhecido pela honestidade ilibada, esperava Maria Amélia, a filha única.

Viúvo, desde muito, consagrara-se a ela. Era-lhe a jovem toda a esperança da vida.

Onze da noite.

Inquieto, escuta vozes no jardim.

Sai pela porta dos fundos. Aproxima-se, sorrateiro, e ainda percebe o par em doce adeus. Um homem que ele desconhece beija-lhe a filha, e parte, apressado.

João apalpa os bolsos, rilhando os dentes, colérico, mas vê-se desarmado.

Abeira-se da moça que volta do baile, e